

ROTEIRO PARA ESTUDO EM GRUPO (NATAL)

Tema 3 : A vinda de Jesus

Texto básico : A vinda de Jesus (Livro: Antologia Mediúnica do Natal. Francisco C. Xavier/ Emmanuel)

Objetivo : Mostrar aos participantes a importância da missão de Jesus, e da grandiosidade inigualável de seus divinos ensinamentos.

Ler a página preparatória e depois fazer a prece inicial

Ler o texto básico em seguida efetuar um breve comentário (2min) destacando o foco principal do estudo e em seguida efetuar as perguntas abaixo desenvolvendo o tema;

1. O que representou para a Humanidade a vinda de Jesus?

Resp.: R- Que começava a era definitiva da maioridade espiritual da Humanidade terrestre, de vez que Jesus, com a sua exemplificação divina, entregaria o código da fraternidade e do amor a todos os corações.

2. Que importância têm as figuras de Simeão, Ana, Isabel, João Batista, José, bem como a personalidade sublimada de Maria, citadas no Evangelho?

Resp.: Foram, sem dúvida alguma, os mensageiros da Boa-Nova, somente com o concurso daqueles portadores da contribuição de fervor, crença e vida, poderia Jesus lançar na Terra os fundamentos da verdade inabalável

3. A vinda de Jesus, era de conhecimento dos profetas de Israel ?

Resp.: Ler todo o último parágrafo do texto.

4. Como devemos comemorar o Natal de Jesus ?

Resp.: Lembrando que Jesus, além de Mestre, foi também exemplificador. Não basta levar alegria somente aos familiares e amigos; é necessário dividi-la com aqueles sofrem a falta do aconchego de um lar, do abraço, do olhar fraterno e do carinho de alguém.

CONCLUSÃO : A lição salvadora do Cristo, representa a chave de todas as virtudes. É difícil imaginar o que seria o mundo moderno, sem esses ensinamentos. Dele diziam os profetas : “ Mais desde o momento em que oferecera sua vida, verá nascer uma posteridade e os interesses de Deus não de prosperar nas suas mãos”

TEMA 3:

A VINDA DE JESUS

A manjedoura assinalava o ponto inicial da lição salvadora do Cristo, como a dizer que a humildade representa a chave de todas as virtudes.

Começa a era definitiva da maioria espiritual da Humanidade terrestre, de vez que Jesus, com sua exemplificação Divina, entregaria o código da fraternidade e do amor a todos os corações.

Debalde os escritores materialistas de todos os tempos vulgarizam o grande acontecimento, ignorando os altos fenômenos mediúnicos que o precederam. As figuras de Simeão, Ana, João Batista, Isabel, José, bem como a personalidade sublimada de Maria, têm sido muitas vezes objeto de observações injustas e maliciosas; mas a realidade é que somente com o concurso daqueles mensageiros da Boa-Nova, portadores da contribuição de fervor, crença e vida poderia Jesus lançar na Terra os fundamentos da verdade inabalável.

Muitos séculos depois da sua exemplificação incompreendida, há quem o veja entre essênios, aprendendo as suas doutrinas, antes do seu messianismo de amor e redenção. As próprias esferas mais próximas da Terra, que pela força das circunstâncias se acercavam mais das controvérsias dos homens que o sincero aprendizado dos espíritos estudiosos e desprendidos do orbe, refletem as opiniões contraditórias da Humanidade, a respeito do Salvador de todas as criaturas.

O Mestre, porém, não obstante a elevada cultura das escolas essênias, não necessitou da sua contribuição. Desde os seus primeiros dias na Terra, mostrou-se tal qual era, com a superioridade que o planeta lhe concedeu desde os tempos longínquos do princípio.

Do seu Divino apostolado nada nos compete dizer em acréscimo das tradições que a cultura evangélica apresentou em todos os séculos posteriores à sua vinda à Terra, reafirmando, todavia, que a sua lição de amor e de humildade foi única em todos os tempos da Humanidade.

Dele asseveraram os profetas de Israel, muitos antes da manjedoura e do calvário: - “Levantar-se-á como um arbusto verde, vivendo na ingratidão do solo árido, onde não haverá graça nem beleza. Carregado de opróbrios e desprezado dos homens, todos lhe voltarão o rosto. Coberto de ignomínias, não merecerá consideração. É que ele carregará o fardo pesado de nossas culpas e de nossos sofrimentos, tomando sobre si todas as nossas dores. Presumires na sua figura um homem vergado ao peso da cólera de Deus, mas serão os nossos pecados que o cobrirão de chagas sanguinolentas e as suas feridas hão de ser a nossa redenção. Somos um imenso rebanho desgarrado, mas para nos reunir no caminho de Deus, ele sofrerá o peso das nossas iniquidade. Humilhado e ferido, não soltará o mais leve queixume, deixando-se conduzir como um cordeiro ao sacrifício. O seu túmulo passará como de um malvado, e a sua morte como a de um ímpio. Mas, desde o momento em que oferecer a sua vida, verá nascer uma posteridade e os interesses de Deus hão de prosperar nas suas mãos.”

(Do livro Antologia Mediúnica do Natal, psicografado por Francisco Cândido Xavier/ Emmanuel).

Mensagem 3:

Evocação do Natal

O maior de todos os conquistadores, na face da Terra, conhecia, de antemão, as dificuldades do campo em que lhe cabia operar.

Estava certo de que entre as criaturas humanas não encontraria lugar para nascer, à vista do egoísmo que lhes trancava os corações; no entanto, buscou-as, espontâneo, asilando-se no casebre dos animais.

Sabia que os doutores da Lei ouvi-lo-iam indiferentes, com respeito aos ensinamentos da vida eterna de que se fazia portador; contudo, entregou-lhes, confiante, a Divina Palavra.

Não desconhecia que contava simplesmente com homens frágeis e iletrados para a divulgação dos princípios redentores que lhe vibravam na plataforma sublime, e abraçou-os, tais quais eram.

Reconhecia que as tribunas da glória cultural de seu tempo se lhe mantinham cerradas, mas transmitiu as boas novas de Reino da Luz à multidão dos necessitados, inscrevendo-as na alma do povo.

Não ignorava que o mal lhe agrediria as mãos generosas pelo bem que espalhava; entretanto, não deixou de suportar a ingratidão e a crueldade, com brandura e entendimento.

Permanecia convicto de que as noções de verdade e amor que veiculava levantariam contra ele as matilhas da perseguição e do ódio; todavia, não desertou do apostolado, aceitando, sem queixa, o suplicio da cruz com que lhe sufocavam a voz.

É por isso que o Natal não é apenas a promessa da fraternidade e da paz que se renova alegremente, entre os homens, mas, acima de tudo, é a reiterada mensagem do Cristo que nos induz a servir sempre, compreendendo que o mundo pode mostrar deficiências e imperfeições, trevas e chagas, mas que é nosso dever amá-lo e ajudá-lo mesmo assim.

EMMANUEL

(Extraído do Livro Antologia Mediúnica do Natal. Mensagem 7)